



Desporto, Cultura e Estilos de Vida: Relações de Influência

Sport, Culture and Lifestyles: Influence Relationships

António Camilo Cunha
Universidade do Minho

Resumo

A reflexão pretende salientar a relação entre o desporto, a cultura e os estilos de vida (lazer). A coexistência de diversas culturas nas sociedades modernas tem implicações nas escolhas das práticas desportivas e nos estilos de vida e de lazer. Uma das características da vida moderna é a utilização dos tempos livres e desportivos em dois grandes sentidos: a) um sentido de forma orientada (industrializada, programada... económica); b) um outro sentido de retorno a formas mais espontâneas e naturais de atividade física e desportiva realizada individualmente, e em pequenos grupos no palco - natureza. Procurámos aqui fazer uma reflexão...

Palavras-Chave: Cultura, desporto, diversidade cultural, socialização, lazer, estilos de vida.

Abstract

The reflection aims to highlight the relationship between sport, culture and lifestyles (leisure). The coexistence of diverse cultures in modern societies has implications in the choices of the sports practices and the styles of life and of leisure. One of the characteristics of modern life is the use of leisure and sport in two main senses: a) a sense of oriented form (industrialized, programmed ... economic); b) another sense of return to more spontaneous and natural forms of physical and sporting activity performed individually, and in small groups on the stage - nature. We have tried to reflect on

Keywords: Culture, sport, cultural diversity, socialization, leisure, lifestyles.

As mudanças sociais resultantes da revolução industrial nos finais do séc. XIX e depois com a melhoria técnica e tecnológica, levaram ao desabrochar de sociedades modernas caracterizadas por novos estilos de vida, em que os tempos de lazer são novamente valorizados (como acontecia na Grécia antiga – com a ideia de ócio). O tempo livre/lazer não significa apenas ausência de trabalho, é também um tempo de recuperação e de realização pessoal, grupal, cultural, onde a atividade desportiva aparece com especial relevo. No entanto numa análise atenta, vamos verificar que o tempo livre/lazer tem (hoje) dois grandes sentidos: *i*) um sentido de padrão, rotina – que encaixa no espírito industrial (ginásios, máquinas, horas, tempos, espaços, rotinas). Há neste sentido imensas semelhanças com o mundo do trabalho, do processo (inconsciente) de controlo - indústria cultural; *ii*) um outro sentido, assente no livre movimento – tempo livre inusitado, não

programado, naturalmente prazeroso. Estaremos no caminho do verdadeiro lúdico.

Na dialética destas duas realidades (sentidos) o tempo livre e de lazer (no qual o desporto e cultura se manifestam) é caracterizado por essa tensão entre o natural e o construído (Santos & Gama, 2008; Dumazedier, 1980). Ora, este facto, se por um lado, contribui para um desenvolvimento harmonioso e equilibrado da personalidade, por outro, pode traduzir-se como um meio de alienação e manipulação, associado a mecanismos de discriminação (Brunhs, 1998).

As políticas de lazer deveriam integrar-se na política cultural (e não/ apenas numa política económica, elitista) assumindo a relação existente entre lazer e cultura onde a atividade física e o desporto (e a arte) são pilares estruturantes e substanciais.

O *desporto, a cultura e os estilos de vida* devem, assim constituir-se como uma expressão unitária de caráter eclético e inclusivo e não devem estar á mercê de qualquer desporto particular (elitista); de uma cultura particular (elitista); de um estilo de vida particular (elitista). Devem sim, pertencer a todos – porque é um bem (direito) de todos.

Cultura, desporto e socialização.

A socialização no e pelo desporto terá de ter necessariamente a influência da cultura nesse processo de socialização. A socialização a partir de uma perspectiva cultural revela que as interações que se estabelecem são essenciais ao entendimento do processo.

Antes de entrarmos nestes sentidos, convém, antes de mais, definir (de forma simples) os três conceitos em questão - *cultura, desporto e socialização*. *Cultura*, nas palavras de Allison (1982), será o conjunto dos projectos implícitos e explícitos para viver, isto é, todas as actividades, acções e significados do homem, quer naturais, quer construídos (Geertz, 1973; Wentworth, 1980), sem esquecer nestes tempos pós - modernos o diálogo intercultural (Gonçalves, 2008). *Desporto* como a conjugação de três características onto-antropológicas - brincar, jogar, competir que dizem também o lúdico - e que teve na época moderna a sua maior expansão, fazendo hoje parte da indústria cultural, mas também das manifestações naturais (Camilo Cunha, 2008). *Socialização*, como um processo porque tais projetos (culturais/desportivos) são passados de um indivíduo

para outro (s), e, portanto, de uma geração para outra (s) (Wentworth, 1980).

Há portanto uma relação estreita entre estes conceitos que foram objeto de vários estudos e reflexões por parte de antropólogos, sociólogos e psicólogos sociais ao focarem-se em diferentes unidades de análise. Os antropólogos, por exemplo, colocam a ênfase na cultura e usam o termo “aculturação” para descrever o processo de aprendizagem das tradições das sociedades em que se está inserido (Wentworth, 1980). Sociólogos e psicólogos sociais também estão interessados no processo de aprendizagem social, ou seja, na socialização, mas têm-se centrado na dimensão individual dos grupos e, frequentemente, deixam a dimensão cultural em suspenso. (Geertz, 1973).

A forte ligação entre estes três conceitos - *Cultura, desporto e socialização*, faz com que o jogo, o desporto e a educação física, (por exemplo), favorecem a aprendizagem sobre as ideias, normas, regras e expectativas que orientam os comportamentos das crianças e os comportamentos dos outros. Assim, jogo e desporto têm sido historicamente ligados ao processo de socialização e de cultura. Neste sentido a socialização no (e pelo) desporto deverá continuar a ter a influência da cultura nesse processo de socialização. A socialização a partir de uma perspectiva cultural revela que as interações que se estabelecem são essenciais ao entendimento do processo.

Cultura e socialização para o desporto versus cultura e socialização através do desporto.

Nesta dialética cultura e socialização, podemos porventura encontrar uma relação entre a cultura e socialização para o desporto *versus* cultura e socialização através do desporto

*i)*A primeira - cultura e socialização para o desporto - utiliza a perspectiva cultural/social de aprendizagem tendo como referência os *modelos externos* e que acabam por influenciar os comportamentos dos sujeitos: De alguma forma a este respeito, Sewell (1963) divide os elementos de socialização *para* o desporto em três componentes: os *agentes de socialização* (que servem como modelos: família, colegas, professores, meios de comunicação de massa, os heróis do desporto), a *situação social* (casa, escola, clube desportivo, comunidade) e *os atributos pessoais* (a personalidade, o temperamento, entre outras, características, como etnia, género, valores, aptidões, competências, habilidade, atitudes e motivações).

Neste caso parece haver uma cultura/socialização do sujeito por modelagem - como produto, objeto. Parece existir a construção de requisitos de participação na sociedade em geral e para o desempenho de uma variedade de papéis sociais, em subgrupos dentro dessa sociedade. O indivíduo é socializado, portanto, visto como um produto, como um resultado final de estímulos externos que agem sobre ele. Esta perspectiva ignora a espontaneidade e criatividade dentro do sistema como um todo - tanto para o indivíduo como para as culturas. É se quisermos uma socialização externa, muito próxima dos ditames económicos, media, ideológico.

ii) A segunda - cultura e socialização pelo desporto – assume uma posição mais naturalista. A socialização através do modelo (desportivo, cultural) baseia-se na premissa de que se aprende sobre a sociedade (por exemplo, valores, normas, costumes, comportamentos) através da participação em brincadeiras, jogos e atividades desportivas, mais *espontâneas e naturais*. Como Allison (1982) refere, a aprendizagem é pensada para desenvolver estas áreas: (1) *o desenvolvimento de características e habilidades individuais naturais*; (2) *o desenvolvimento de comportamentos e de atitudes sobre o envolvimento*; e (3) *a interação com o ambiente*. Considerando que o modelo de socialização pelo desporto assenta na forma como se aprende a adoptar o papel do desportista, havendo um forte sentido interno e naturalista, onde as atitudes e motivações aparecem numa outra ordem de grandeza – a vontade ontológica.

Os agentes e contextos de socialização e cultura.

Para além da dialética atrás abordada, constatamos que em termos normais a interação social não ocorre num vácuo social. É formada por diferentes *agentes*, de socialização em funções distintas, em diferentes *contextos* e dentro de múltiplas *instituições* sociais. Estas três dimensões definem os limites e parâmetros dentro dos quais a interação ocorre e, assim, influenciam o conteúdo da cultura de onde são transferidos. (Sewell, 1963). Analisemos estas três variáveis:

a)Agentes: as interações diárias com a família, colegas, professores, treinadores, os heróis desportivos através dos meios de comunicação e outros agentes socializadores são imediatos. São as mais reconhecíveis forças que influenciam o que uma criança aprende sobre o sistema social em que vive;

b)Contextos: não podemos esquecer a influência dos contextos em mudança e das situações sociais sobre o processo como um todo. Os tipos de interação, que ocorrem entre os indivíduos, são influenciados diretamente pelo contexto em que essa interação ocorre. Assim, por exemplo, o jogo de futebol jogado por crianças num parque cria um contexto diferente para a interação no jogo de um jogo de futebol jogado pelas mesmas crianças envolvidas num campeonato altamente competitivo. O que essas crianças aprendem, com quem aprendem e o que aprendem sobre a natureza do jogo, sobre a natureza da interação social, sobre as regras de comportamento social, expectativas, normas e valores, provavelmente, é bem diferente em cada um destes cenários;

c)Instituições: deve ser lembrado que as grandes instituições sociais, como a estrutura de parentesco, política, religião, educação e desporto, para citar algumas, contextualizam as interações que ocorrem. Essas instituições, historicamente ligadas, refletem, a sua própria natureza, a função, a estrutura, o conteúdo da cultura que deve ser transferido de uma geração para a seguinte, de um indivíduo para outro. Da mesma forma como na moda, o desporto (atividade desportiva e física) como uma instituição social, inclusive, reflete as exigências da cultura que estão a ser transferidas - a natureza da sociedade em geral.

Neste contexto Dumazedier (1980) vai também referir-se a dimensão socialização/cultura considerando, quatro instituições de socialização: a família, a escola, os meios de comunicação e o grupo de pares:

a) *Família* – contexto de mediação, comunicação e transmissão onde os recursos materiais e simbólicos das famílias e os meios sociais de origem, influenciam o percurso pessoal e social dos indivíduos;

b) *Escola* – para uns, instância igualizadora e compensadora relativamente às diferentes origens sociais e, para outros, reprodutora das desigualdades já existentes. De qualquer forma, é uma instância de socialização formal e não formal (currículo explícito/currículo oculto) de grande importância, quer no plano das relações verticais (aluno - professor) quer horizontais (criança - grupo de pares):

c) *Meios de comunicação* – a televisão, e actualmente também a internet, são responsáveis pela transmissão de mensagens, situações, comportamentos, atitudes e valores. Coloca-se a questão dos conteúdos, das motivações, dos contextos e das consequências da exposição a esses meios;

d) *Grupo de pares* – tem tido uma importância crescente na socialização e é, junto com a escola e a família, um factor de desenvolvimento ao longo da infância e da adolescência.

O mesmo autor conclui ainda que o processo socializador não se verifica numa única direcção mas é multidireccional e multidimensional, tornando-se necessário considerar, os processos de transmissão da cultura e de socialização das crianças pelos adultos, dos adultos pelas crianças e das crianças entre si – *relações de influência*.

O sentido global.

O desporto (no contexto do lazer/estilos de vida) é um fenómeno sociocultural com cada vez maior visibilidade no mundo contemporâneo (*global*) como provam diversas situações do quotidiano – quer de forma organizada (industrial...), quer de forma natural: pessoas a caminhar/correr nas ruas, nos parques, nas praias; organização familiar que assiste às transmissões televisivas de eventos desportivos; indústrias, empregos e profissões ligados ao desporto (ginásios, academias,...); tecnologias do pensamento (televisão, internet, jornais, revistas...); a procura da vitória, princípio do rendimento desportivo e da produtividade corporal (Stigger, 1999). Há assim, uma dimensão global com diversos factores em combinação.

Boaventura Sousa Santos (2005, 2006) veio expor uma análise muito interessante para a compreensão deste fenómeno – global. Para B. Sousa Santos, o processo de globalização é hierárquico e desigual, uma vez que a capacidade dos grupos sociais e dos estados impõem os seus valores culturais é muito variável. Além dessa contingência, a globalização, deveria ser uma palavra plural na medida em que existem várias maneiras de conceber o fenómeno global, dependendo das fronteiras culturais. B. Sousa Santos identifica de três formas de globalização:

- *O localismo globalizado* - modelo em que as práticas e modos de vida de contextos culturais locais específicos

se difundem por todo o planeta (ex. língua inglesa; *fast food*). Nesta lógica, o desporto (*lazer/estilos de vida*) também pode ser uma forma de localismo globalizado, já que foi inventado em Inglaterra e hoje é praticado em todo o mundo;

- *O globalismo localizado* - aonde as manifestações culturais se localizam e transformam as práticas culturais locais (ex: aproveitamento turístico de locais). No caso do desporto (*lazer/estilos de vida*) consistiria na transformação de determinadas manifestações culturais locais não desportivas, em práticas desportivizadas (ex: capoeira; yoga artístico desportivo);

- *A globalização não hegemónica* - com características de contracultura/ cosmopolitismo em busca de valores culturais alternativos: movimentos transnacionais de direitos humanos, ecologistas, redes de movimentos literários, artísticos e científicos. No caso do desporto, existem também aqueles que se propõem desenvolver formas alternativas de praticar o desporto (*lazer/estilos de vida*) quer no âmbito da escola, da natureza, quer no âmbito do lazer, através de políticas desportivas diferentes.

Estilos de vida.

Segundo a *World Health Organization* (WHO) podemos definir estilo de vida “como um modo de vida baseado em padrões de comportamento que são determinados pela interacção entre as características de cada indivíduo, pelas interacções sociais e socioeconómicas. Estes padrões de comportamento são continuamente interpretados e testados em diferentes situações sociais e portanto não são fixos, estando sujeitos a alterações. O estilo de vida que cada indivíduo possui, pode ter um profundo efeito sobre a sua saúde e sobre a saúde dos outros” (WHO, 1998, p.45).

Em linhas gerais, o *estilo de vida* reflete a atitude ou a sensibilidade para optar por determinados produtos e comportamentos consumistas (ou não), evidenciando determinados recursos culturais como expressões pessoais e sociais. São determinados pela forma como os indivíduos se relacionam com as condições naturais, sociais, culturais...e agora na dimensão económica e de consumo.

De acordo com Reimer (1995), o termo “estilos de vida” começou a ser utilizado na viragem para o séc. XX, como consequência da industrialização e urbanização crescentes. Retomou importância na década de 80, caracterizada pela “época de ouro” do consumismo. Do ponto de vista sociológico, tem sido usado para estudar de que forma as preferências culturais se tornam funcionais socialmente, dentro duma cultura de consumo caracterizada (...) pela emergência de novas classes médias (Freire, 2003).

No entanto, na linha da nossa reflexão, vamos constatar que começam a emergir novos estilos de vida que fazem um corte com essa dimensão industrial, consumista, de controlo. Parece haver um retorno a um “estado natural” onde alimentação, higiene, participação, cuidados com o corpo, vestuário e desportos são agora pensados e atuados de outra forma – que não consumista. Este facto é visível na procura actividades no estado natureza (terra, ar, água – modalidade livre).

Este sentido mais livre e natural, poderá ser uma manifestação consciente/inconsciente da sociedade necessitar de mudança da cadeia da reprodução cultural e social (Pais, 1993; cit por Neto, 1997). Ao adotarem o seu “estilo de vida” como um meio de afirmação e diferenciação de *status*, procuram o confronto entre uma realidade social (conformista) e a necessidade de afirmação de um “projecto” de vida” (inconformista). Parece-nos que, do ponto de vista social, o desporto chamado “convencional” está agora a dar lugar a novas formas de movimento e estilos (de vida). O desporto dito “convencional” por seu lado deve ser analisado e reinventado, sob pena de a maioria já não se rever nele. É o que está a acontecer...

Em jeito de Conclusão

O processo de *cultura, desporto e socialização* não é apenas o processo de ser “formatado”, mas também o de moldar o mundo que nos rodeia, de forma criativa e evolutiva. Os desafios da convivência são hoje muito maiores do que no séc. XX. O multiculturalismo gera formas de aproximação entre pessoas e culturas que não existiam no passado. As ideias, crenças e estilos de vida de diferentes culturas misturam-se, dando origem a novas culturas específicas.

A Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural (UNESCO, 2002) reconhece a diversidade cultural como sendo um “património comum da humanidade”. Nesta declaração sustenta-se a diversidade cultural, isto é, a aceitação da dignidade de cada cultura, a valorização e respeito pelas diferenças. Propõe-se ao mesmo tempo um tipo de desenvolvimento que assenta na preservação da *essência da cultura* e das identidades colectivas e a pesquisa dos valores comuns que permitem o diálogo entre culturas. Promove-se o diálogo intercultural com a consequente defesa das formas/bens de bens e imateriais, os rituais e representações, as crenças e percepções, os modos de vida e padrões de conduta, as tradições, direitos e valores. Nessa acessão, trata-se de manter a heterogeneidade e a equidade cultural.

Os estilos de vida (familiar, escolar e social) assente no desporto e na atividade física parecem estar a contribuir para uma abertura e até rutura com o padronizado. As sociedades são cada vez mais multiculturais, o que exige uma nova postura quanto ao respeito pelas várias identidades culturais. Seria bom que os políticos, técnicos e dirigentes se apercebessem desta necessidade e se envolvessem em estratégias de desenvolvimento desportivo democráticas e abrangentes – que respondessem melhor à trilogia - *Cultura, desporto e socialização, agora mais globalizada e multicultural*.

Referências

Allison, M. (1982) Sport, Culture and Socialization. *International Review for the Sociology of Sport* 17; 11. disponível em <http://irs.sagepub.com/cgi/content/abstract/17/4/11> Consult. em 5 de maio de 2017.

Brunhs, H. (1998). Relações entre a Educação Física, a Cultura e o Lazer. *Revista da Educação Física*, 9, 1, pp. 61-66.

Camilo Cunha, A. (2008). Pós - Modernidade, socialização e profissão dos professores (de Educação Física). Viseu: Vislis Editores.

Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural. Unesco 2002. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf> Consult. em 5 de maio de 2017.

Dumazedier, J. (1980). Política cultural urbana e lazer. *Valores e Conteúdos Culturais do Lazer*. São Paulo: Serviço Comercial do Comércio. Administração Regional no Estado de São Paulo, pp 47-71.

Freire, F. (2003). Mídia, consumo cultural e estilo de vida na pós-modernidade. *Revista ECO-PÓS*. 6, 1, pp. 72-97.

Geertz, C. (1973) Interpretation of cultures. In *The impact of the concept of culture on the concept of man* New York: Basic Books, pp. 33-54

Gonçalves, S. (2008). O Sentido do Diálogo Intercultural, pp. 1-7. Consult. 11 Out 2017, disponível em http://74.125.155.132/scholar?q=cache:6sCcQh380iEJ:scholar.google.com/+%22sentido+do+dialogo+intercultural%22&hl=pt-PT&as_sdt=20017

Neto, C. (1997). Mudanças sociais, desporto e desenvolvimento humano. In: A. Correia (Ed.) *O Desporto em Portugal: opções e estratégias de desenvolvimento*. Actas do II Congresso de Gestão do Desporto. Associação Portuguesa de Gestão do Desporto, pp. 25-34.

Reimer, B. (1995). Youth and modern lifestyles. In: Fornäs, J. and Bolin, G. (Ed.). *Youth culture in late modernity*. London: Sage Publications, pp. 120-141.

Santos, B. S. (2006). *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez.

Santos, B. S. (2005). *Pela Mão de Alice: O social e o político na Pós-Modernidade*. São Paulo: Cortez.

Santos, N. & Gama, A. (2008). *Lazer. Da libertação do tempo às conquistas das práticas*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Sewell, W. (1963). Some Recent Developments in Socialization Theory and Research. *Annals AAPPS*, 349, 163-181. Consult. 5 maio 2017, disponível em <http://ann.sagepub.com/>

Stigger, M. (1999). Desporto, multiculturalidade e educação: do desporto na escola para o desporto da escola. *Educação, Sociedade e Culturas*, 12, pp. 63-84.

Wenworth, W. (1980). *Context and Understanding: an inquiry into socialization theory*. New York: Elsevier Social Science.

World Health Organization (WHO). *Glossary*. Geneva; 1998. Consult. 5 maio 2017 disponível em www.who.int/hpr/NPH/docs/hp_glossary_en.pdf